

CADERNOS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

Veresk

Вереск

РЕПОЗИТОРИЙ БГУ



VERESK - Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski

O veresk sobrevive no solo mais infértil e prepara este solo para as plantas mais exigentes.

Veresk é uma publicação internacional de Psicologia que se propõe a divulgar trabalhos que examinam e aprofundam o estudo do legado da teoria de Lev Semionovitch Vigotski. Os autores são especialmente convidados a apresentarem seus textos pelos Editores Associados ou pelo Conselho Editorial.

Veresk é apresentada tanto no formato impresso, quanto no eletrônico <http://www.repositorio.uniceub.br/handle/235/11339>, nas versões em russo e português. Sua publicação é apoiada pelo Fundo L. S. Vigotski (Rússia), pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (Brasil) e pela Faculdade de Ciências da Saúde, do Centro Universitário de Brasília (Brasil).

Editores Associados

Elena E. Kravtsova – Fundo L. S. Vigotski e Sociedade Russa de Psicologia (Rússia)

Guenadi Kravtsov – Fundo L. S. Vigotski e Sociedade Russa de Psicologia (Rússia)

Oleg Kravtsov - Fundo L. S. Vigotski e Sociedade Russa de Psicologia (Rússia)

Zoia Ribeiro Prestes – Universidade Federal Fluminense (Brasil)

Elizabeth Tunes – Centro Universitário de Brasília/Universidade de Brasília (Brasil)

Serguei Jerebtsov – Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)

Conselho Editorial

Ingrid Lilian Fuhr Raad - Centro Universitário de Brasília (Brasil)

Jader Janer Moreira Lopes – Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal de Juiz de Fora (Brasil)

Natalia Gajdamaschko - Simon Fraser University (Canadá)

Simone Roballo – Centro Universitário de Brasília (Brasil)

Tradução e revisão

Zoia Ribeiro Prestes

Elizabeth Tunes

George Yurevitch Ribeiro

Daria Prestes

Editoração eletrônica

AR Design

Capa

Tito Júnior

Correspondência

A correspondência deve ser enviada para o seguinte endereço eletrônico: presteszoia@hotmail.com

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões, julgamentos e ideias neles contidos não expressam, necessariamente, as posições dos Editores Associados. As normas técnicas de apresentação dos textos são de livre escolha e responsabilidade de cada autor, a quem devem ser encaminhadas quaisquer dúvidas e comentários a esse respeito.

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que indicada a fonte.

A publicação deste número foi subvencionada pelo Centro Universitário de Brasília – UniCEUB – Brasil.

Ficha catalográfica

VERESK – CADERNOS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília:

UniCEUB, 2017.

176p. – (v. 3)

ISBN 978-85-61990-65-7

1. L. S. Vigotski. II. Título.

CDU:301.151

EDITORIAL	5
AS RESENHAS TEATRAIS DE L. S. VIGOTSKI COMO INÍCIO DA CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL	7
<i>Vladimir Sobkin – Academia Russa de Educação (Rússia)</i>	
A CONCEPÇÃO DE VIVÊNCIA EM L. S. VIGOTSKI: DO CONHECIMENTO CONJUNTO À SUPERAÇÃO DA SOLIDÃO	35
<i>L. A. Pergamenschik – Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)</i>	
A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E OS PROBLEMAS PSICOSSOMÁTICOS DA PERSONALIDADE: ESTUDO SOBRE O DOMÍNIO DE SI MESMO	47
<i>S. N. Jerebtsov – Instituto de Psicologia da Universidade Estatal de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)</i>	
A PEDOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL DE VIGOTSKI: UM PROJETO REVOLUCIONÁRIO?	63
<i>Zoia Prestes - Universidade Federal Fluminense (Brasil)</i>	
A DEFECTOLOGIA DE VIGOTSKI - UMA CONTRIBUIÇÃO INÉDITA E REVOLUCIONÁRIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E DA PSICOLOGIA	75
<i>Elizabeth Tunes - Centro Universitário de Brasília e Universidade de Brasília (Brasil)</i>	

A CONCEPÇÃO DE VIVÊNCIA EM L. S. VIGOTSKI: DO CONHECIMENTO CONJUNTO À SUPERAÇÃO DA SOLIDÃO

L. A. Pergamenschik

*Instituto de Psicologia da Universidade
Estatual de Pedagogia da Bielorus M. Tank (Belorus)*

O estudo das situações de crise psicológica como campo da Psicologia tem um grande espaço de tempo em termos de sua constituição e desenvolvimento, mas um período pequeno, se considerado o início de sua conceituação. Podemos demarcar o ano de 1980 como o do surgimento da psicologia da crise, quando o psicólogo norte-americano M. Horowitz propôs separar no DSM-III, num grupo especial de diagnóstico, o “distúrbio de estresse pós-traumático” (DEPT). Para desenvolvimento posterior, a psicologia da crise precisou elaborar e operacionalizar um sistema próprio de conceitos que pudesse dar conta da descrição do comportamento do ser humano em situações de crise na sua trajetória de vida. A primeira série de conceitos foi elaborada e descrita de modo suficientemente rápido e com êxito e é efetivamente empregada por cientistas e práticos. São conceitos como estresse, crise, trauma, situação de crise e acontecimento crítico, ameaça e medo, código de sobrevivência, superação e uma série de outros. Apesar do fato de os conceitos da psicologia da crise possuírem diferentes interpretações, dependendo da teoria aceita pelos cientistas, a descrição do lugar deles no novo campo da psicologia não provocou dúvida em ninguém. No entanto, o conceito “vivência” não encontrou seu lugar no sistema de categorias da psicologia da crise.

Ao longo de toda a sua atividade científica, Vigotski voltou-se para o conceito “vivência”. Ele dimensionava e conferia a possibilidade da “vivência” se apresentar como categoria básica da psicologia que estava criando. Será que sua relação especial com o teatro, seu interesse por Spinoza (presente do pai a Vigotski, ainda ginasiano), o palco, que une a personagem e a situação, aproximaram-no do conceito de vivência?

Destaquei três etapas, em outras palavras, três cenas, em que Vigotski se apresentou tanto como autor como roteirista, como herói da psicologia que deixou depois de si e em que a cultura e a história ofereceram a *vivência* como mecanismo de formação da personalidade.

Cena primeira. Vivência como unidade básica da consciência (componente estrutural)

Parte primeira. A vivência como unidade básica da consciência. Parte segunda. Vivência como mecanismo de resolução do conflito entre os participantes da cena da vida. Parte terceira. Vivência como realização do essencial na pessoa, no processo de reconhecimento do trágico como determinante. Então, os componentes da vivência são: estruturais, dinâmicos, existenciais.

Em suas aulas (*Crise dos três anos e Crise dos sete anos*), proferidas em 1933 e 1934, no Instituto de Pedagogia de Leningrado A. Guertsen, Vigotski ressaltou que a categoria “vivência” ocupava um lugar especial de ponta na psicologia e definiu esse lugar. Vivência é a unidade fundamental e de ponta (conceito básico) para o estudo da personalidade e do meio em sua unidade, pois “é a unidade personalidade e meio, tal como se apresenta no desenvolvimento” [4, p. 382]. Antes disso, ele jamais indicou seu ponto de vista para o lugar da “vivência” na psicologia de forma tão definitiva e evidente, de maneira tão demonstrativa.

Atualmente, na análise da vivência, essas três linhas tornaram-se comumente aceitas na psicologia mundial. Porém, é importante verificar se a concepção de Vigotski funciona em condições específicas, situações críticas da vida da pessoa. O que ocorre com a pessoa na situação de estresse, de crise, na impossibilidade de continuar existindo com a experiência anterior de atividade?

Juntamente com o clássico⁵, apoiando-se em seu texto, vamos enumerar as qualidades do conceito original, correlacionando-as com a situação de crise na vida da pessoa.

Primeiramente, por meio da vivência, podemos imaginar a unidade de momentos da personalidade e do meio. Isso significa que a vivência permite unir

⁵ O autor refere-se a Vigotski (N. da T.)

o contínuo que foi rompido na nossa existência.

Em segundo lugar, a vivência precisa ser compreendida como uma posição interna da pessoa em relação a um determinado momento da realidade. Um momento importante de intervenção na crise é estabelecer a relação perdida da pessoa com a situação traumática, sua aceitação, sua consciência dela e a superação da mesma.

Em terceiro lugar, uma característica importante da vivência é a intencionalidade. Vigotski destacava: “Toda vivência é sempre a vivência de algo. Não há vivência que não seja a vivência de alguma coisa” [4, p. 382]. Na situação de pós-crise, apesar do efeito de uma consciência comprimida, de não se conseguir enxergar uma luz no fim do túnel, surge um fenômeno nebuloso de indefinição: sinto-me mal, mas não consigo e não quero dizer e definir o ponto do mal. Numa situação assim, é difícil iniciar o processo de superação, pois não tenho o objeto de minha impossibilidade e indefinição. O retorno da intencionalidade à vivência é uma tarefa do psicólogo nessa etapa de intervenção.

Em quarto lugar, a vivência é individual, pois cada uma é a minha vivência. O quarto indício é aplicável à vivência de acontecimentos de crises e é contraditório. Por um lado, precisamos retirar o efeito de singularidade, mostrar que situações semelhantes provocam vivências semelhantes em muitas pessoas. Por outro lado, temos que mostrar que suas vivências dos infortúnios são reações normais (vivências normais) de situações anormais.

Em quinto lugar, a vivência tem um indício situacional, pois mostra “o que é o momento presente do meio para a personalidade” [4, p. 383]. Esse indício da vivência é muito importante para a psicologia da crise que tende a limitar o estado de estresse da personalidade numa certa situação e ampliar o sistema solar da pessoa para outras esferas de sua vida.

Dessa forma, para Vigotski a vivência é individual, situacional, intencional, o que permite analisar a pessoa na unidade de seus momentos pessoais juntamente com os do meio e testemunhar (julgar) a respeito do caráter da relação entre a pessoa e o fragmento da realidade. Essas qualidades do conceito-base da psicologia possuem perspectivas consideráveis para a análise do comportamento da pessoa numa situação de crise.

Ao destacar as principais qualidades da vivência, Vigotski anuncia o lugar que essa categoria deve ocupar na psicologia: “a unidade real e dinâmica da

consciência, isto é, total da qual se forma a consciência é a vivência”.

Agora, o psicólogo pesquisador gostaria de obter a resposta à questão evidente que é: como registrar e estudar a vivência? Vigotski não responde de forma substancial a essa questão, mas indica caminhos para buscas teóricas posteriores. “Qualquer análise da criança difícil mostra que o essencial não é a própria situação, tomada em seus indicadores absolutos, mas como a criança a vivencia” [4, p. 383]. Penso que admitir a “análise da criança difícil” restringe o postulado principal de Vigotski. **Essa frase, parece-me, soa com mais precisão na seguinte formulação: “para análise do comportamento humano, é importante não a própria situação, tomada em seus indicadores absolutos, ou seja, que pode ser mensurável estatisticamente, mas como a pessoa a vivencia”**. É possível acrescentar que, para a situação de crise, o significado do mecanismo de vivência aumenta muitas vezes.

Em seguida, Vigotski faz uma conclusão metodológica prévia: “Isso nos obriga a uma análise interna profunda das vivências da criança, ou seja, ao estudo do meio que se transfere significativamente para o interior da própria criança e não se resume ao estudo do ambiente externo de sua vida. A análise torna-se muito complexa, deparamo-nos aqui com *enormes dificuldades teóricas*” (grifos meus – L. P.) [4, p. 383]. Ao anunciar toda a complexidade das dificuldades teóricas, Vigotski não explicou o que são nem porque surgiram e para qual psicologia elas são dificuldades. Será que ele próprio participou da criação dessas dificuldades e limitações metodológicas? Será que a metodologia da psicologia de Vigotski, que ele criou ativamente e que seus alunos apoiaram e divulgaram, continha possibilidades para a superação das dificuldades teóricas anunciadas no estudo da vivência?

Cena segunda. A vivência como mecanismo de resolução do conflito entre os participantes da cena da vida. Vigotski formulou a lei do desenvolvimento histórico-cultural da seguinte forma: **no desenvolvimento cultural da criança, toda função surge em cena duas vezes, em dois planos. Inicialmente, no social; posteriormente, no psicológico; inicialmente, entre pessoas, como uma categoria intersíquica; depois, no interior da criança, como uma categoria intrapsíquica. Isso é relativo à atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos, ao desenvolvimento da vontade.**

Essas palavras são bem conhecidas e frequentemente citadas sem precisar pensar no contexto: todos conhecem muito bem o assunto. Realmente, as funções psíquicas superiores se formam, inicialmente, nas relações sociais entre as pessoas e apenas depois passam para o plano interno, tornam-se funções psíquicas internas, ou seja, se interiorizam. Então, a origem da consciência humana está no sistema das relações sociais. Nisso está uma das peculiaridades mais importantes da abordagem de Vigotski ao problema do desenvolvimento da consciência. Isso realmente reflete o essencial na lei de Vigotski.

O essencial, mas não tudo. Será que é tudo tão simples e evidente nessa interpretação da principal formulação da lei? Toda função no desenvolvimento cultural da criança surge em cena duas vezes. Vejamos. O assunto não é o desenvolvimento psíquico, não é o desenvolvimento intelectual, mas o desenvolvimento cultural. Esse é o primeiro ponto. O segundo foi a interpretação muito interessante da lei histórico-cultural proposta por N. Veresov (artigo no N° 85 “NLO”, de 2007) [2]. Então, em segundo lugar e seguindo N. Veresov, podemos decodificar e desvendar essa fórmula. Toda função surge em dois planos: inicialmente, social, como um choque dramático entre duas pessoas, uma colisão, um conflito, uma contradição, que exige a resolução e o **acompanhamento das vivências emocionais pessoais**.

Que função é essa que surge na cena da vida duas vezes: inicialmente, entre duas pessoas e, depois, no interior da pessoa? Por que ele definiu essa função pelo termo “categoria”? Por que o choque no âmbito de posições pessoais deve ser visto como um acontecimento do drama do desenvolvimento da personalidade, como colisão, conflito, **um fato do próprio destino vivenciado pela pessoa?**

Assim, o mecanismo de desenvolvimento cultural da criança (atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, desenvolvimento da vontade), como afirma Vigotski, é a experiência da vivência que está incluída tanto no processo de interiorização como no processo de exteriorização.

O que concede fundamento para afirmar que Vigotski pressupôs exatamente tal leitura com a utilização de conceitos como “choque dramático”, “conflito”, “drama do desenvolvimento da personalidade” e o conceito “vivência”, que para nós tem um significado tão importante e aparece na lei duas vezes? Inicialmente, vivência como consequência de choques interpessoais e,

posteriormente, como consequência de novas posições que surgiram no interior da personalidade.

Vale notar, escreve N. Veressov, que Vigotski é extremamente preciso nos detalhes: não é em “dois níveis – social e psicológico”, mas precisamente em dois planos da mesma cena do drama! Não existem níveis, mas apenas uma cena, a cena da nossa vida na qual se desdobra o drama de desenvolvimento da personalidade.

E nela, como numa cena teatral, há dois planos – o primeiro, no qual transcorrem as colisões externas, os choques de caráter, de posições, de ímpetos. E o segundo, que é oculto, obscuro, individual, mas não menos tenso, no qual a mesma categoria de choque dramático se desdobra novamente.

Veressov continuou a análise da famosa fórmula, chamando a atenção para a palavra “categoria” com a qual poucas pessoas se preocuparam por causa de sua evidência. Na língua da cultura de então, com a ajuda da palavra “categoria” entendia-se algo muito bem definido: a categoria é um brusco choque de posições, de caracteres, uma colisão dramática, um conflito entre pessoas ou na pessoa, um choque acompanhado de vivências emocionais agudas. Esse termo utilizava-se amplamente nas artes plásticas, na poesia, na música e, principalmente, no teatro, na linguagem do teatro, na direção teatral. No dicionário teatral de antropologia, essa palavra foi operacionalizada por Vs. Meierhold com quem Vigotski mantinha laços de amizade e a palavra “categoria” é interpretada exatamente dessa forma [6]. Nesse mesmo verbete do dicionário, Vs. Meierhold escreve que a categoria é um choque, um conflito aberto ou oculto, é a essência do drama, sua principal unidade estrutural. A obra dramática, num sentido amplo, consiste de uma série de acontecimentos que são categorias, porém também as palavras a respeito de que as funções psíquicas superiores surgem em cena e aparecem em dois planos não foram utilizadas por Vigotski para embelezar o texto, não são metáforas obrigatórias. Ao contrário, com precisão e inteireza elas expressam a essência da coisa – não é qualquer relação social, qualquer relação recíproca que pode transformar-se em função psíquica superior, mas apenas aquela que surge em cena como categoria, como unidade do drama.

Vale destacar que, para as pessoas que viveram nos tempos da cultura de Vigotski e que falavam sua língua, essa palavra era compreendida e não era necessária nenhuma tradução e decodificação.

Desse modo, a lei de desenvolvimento histórico-cultural descreve duas

cenar da vida humana, ligadas entre si pela vivência e que não são finalizadas ao passarem para o plano interno, assim como não termina a vida humana. É preciso ressaltar que, aqui, o assunto é a vivência e não a solidão trágica; é a vivência de crescimento cultural na situação social de desenvolvimento.

O encontro da pessoa com a situação de crise dá início ao mecanismo de dois planos para a superação. No primeiro plano de relações recíprocas, desenvolve-se o conflito de interesses: o ser humano tende a conservar o contínuo de sua vida como o de uma vida bem-sucedida, porém a situação da vida não lhe apresenta nenhuma base para isso. A pessoa inicia o mecanismo de recepção de uma nova situação de sua trajetória de vida. O segundo plano pressupõe mudanças intrapessoais: uma nova situação que precisa reconstruir, significar de uma nova forma, ou seja, vivenciar. Assim, pode ser descrita a lei do desenvolvimento histórico-cultural numa situação de crise na trajetória de vida.

Cena terceira. A Vivência como meio de superação do sofrimento e da solidão (componente existencial)

L. S. Vigotski, ainda antes de tomar para si a tarefa de criação de uma psicologia marxista, preparou uma série de artigos sobre psicologia da arte nos quais formulou sua ideia de homem, de vida e de morte. Com isso, delineou a psicologia possível.

Vamos analisar o estudo sobre a *Tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*, de W. Shakespeare. Que visão de mundo Vigotski anuncia nesse trabalho? É a visão de uma solidão trágica e de sua superação com a oração. O futuro clássico⁶ da psicologia soviética escreve: “Fomos separados do círculo como a Terra, certo dia, se separou. A tristeza, nesse eterno isolamento, num “eu” próprio, em algo que eu não sou você, não são todos ao meu redor, que todos, a pessoa, a pedra, os planetas, são solitários no silêncio da noite eterna. Seja lá como for que denominarmos diretamente o motivo mais iminente do estado trágico, de fatalidade ou caráter, mesmo assim chegaremos à origem desse estado, à eternidade infinita do isolamento do “eu” em relação ao fato de que cada um de nós é infinitamente solitário”.

⁶ Ver nota de rodapé anterior (N. da T.)

“A eterna noite de solidão” – eis o principal motivo do trabalho. O sábio georgiano Merab Mamardachvili, 60 anos depois, escreveu: “a pessoa raramente está com alguém... ela está eternamente solitária”. A tragédia do ser humano no próprio fato de sua existência, como escreveu o filósofo, e “com toda sua problematização (da vida) da existência do ser humano”, é preciso terminá-la. Mas, como? L. S. Vigotski propõe: “É preciso terminar a tragédia, é preciso preencher em si, em sua vivência... Ela toda vai para a morte e o silêncio”. Contudo, a busca do sentido da vida não está na separação e na tristeza da solidão e sim na unificação, que supera essa ruptura e misteriosamente interliga dois mundos. Como é reconstituída a união? Com a vivência do perigo existencial na situação de silêncio, responde o futuro clássico da psicologia⁷.

A vivência pela prece – precisa Vigotski, no período pré-psicológico de sua atividade de criação. Pela prece, porque “lá, onde há prece (confluência) – escreve Vigotski – lá não existe o trágico, lá termina a tragédia”. Que prece é essa que unifica, que protege o nosso Eu da tragédia da existência humana? O silêncio precede o mistério da oração.

Qualquer diálogo, incluindo o terapêutico, é composto de palavras e de silêncio. O silêncio pode significar que apareceram condições para o surgimento do contexto com base em dois textos, da contiguidade do “Eu” e do “Você”. A pausa do silêncio cede lugar à vivência. Dá início ao mecanismo de sofrimento por meio da **vivência do trágico, por meio do sofrimento da solidão existencial**.

Mais tarde, M. M. Bartin escreveu sobre isso: “O segundo limite (conhecimento da personalidade – L. P.) é o diálogo, o pedido, a prece. Aqui, é necessária a autodescoberta da personalidade. O critério não é a precisão do conhecimento, mas a profundidade da penetração” [1, p. 429]. Então, L. S. Vigotski propõe mecanismos para a superação da tragédia da solidão: silêncio – prece – diálogo, assim como Bartin, seu contemporâneo não menos famoso.

No livro publicado em 2016, V. S. Sobkin destaca as palavras significativas do texto cultural de Vigotski: para uma autêntica relação de pessoas entre si a língua comum é insuficiente, é muito materializada. A verdadeira relação se realiza com o auxílio do silêncio. Por isso, há a exigência de descortinar diante

⁷ Ver a primeira nota de rodapé (N. da T.)

do espectador “a relação de almas” sem o auxílio das palavras. Um diálogo inaudível [7, p. 38].

Mais um interesse de Vigotski, no início de sua trajetória, foi o problema do sofrimento, um problema que a psicologia contemporânea não visita muito, pois parece estar cumprindo o testamento de M. Gorki para quem “O sofrimento é a vergonha do mundo e é preciso odiá-lo para aniquilá-lo” (palavras de uma personalidade traumatizada, como diria um psicólogo da crise).

No artigo de L. S. Vigotski *Linhas de luto (Dia 9 ava)* (1916) [3], empreende-se uma tentativa de dar uma resposta à questão de como relacionar-se com o sofrimento. O próprio autor toca num problema mais amplo “Para que precisamos do luto histórico”. Para quê guardar o luto, para quê bajular o luto por séculos, para quê a tristeza eterna. A palavra-chave em todos esses choros é **eterna**. “Com a tristeza no alto está assinalada a minha estrela” – assim L. S. Vigotski conclui seu pensamento. Sim, é a tristeza, mas lá no alto e é uma estrela. Apenas por meio do sofrimento a pessoa pode tocar o eterno, o imortal, apenas pelo sofrimento ela é capaz de superar o medo da morte e do destino. O sentido do sofrimento não está na fuga dele e tampouco no masoquismo de seu tecido doente; ele se transforma com a elevação do sofrimento, na prece para o próprio deus [3]. Vigotski não podia saber, há quase cem anos atrás, que formulou a senha para o crescimento pós-traumático: tristeza – no alto – estrela. Também está próxima, por seu significado, à fórmula da crise: chance – à vida – perigosa.

Por meio do sofrimento, a pessoa recebe a chance de executar a principal predestinação de seu surgimento no mundo sobre o que falou Sartre: o ser humano chegou a este mundo para ser deus.

Então, assim foi demarcado o objeto da psicologia da crise: a existência expressiva e loquaz na qual a concepção “vivência” serve à superação do sofrimento e da solidão.

Possibilidade de estudo do conceito “vivência”

Em 17 de novembro de 1896, nasceu L. S. Vigotski e, nesse mesmo dia, já o “aguardava” M. M. Bartin, que nasceu exatamente um ano antes. Em Vitebsk (anos 1920), eles tiveram uma possibilidade de se encontrar: Bartin, nos anos

1922-1923, lecionava literatura na escola média; Vigotski foi a Vitebsk e tinha planos de criar na cidade da arte uma escola de teatro.

Fica claro que o meio cultural dos dois gênios da cultura pátria ofereceu a eles condições para uma conjugação de ideias. Os fundamentos da metodologia, que nos permite, do meu ponto de vista, nos aproximar do estudo da vivência como uma unidade dinâmica da consciência, foram propostos por Bartin ao final dos anos de 1930. As anotações *Sobre as bases filosóficas das ciências humanas* [1] continham quatro princípios da ciência, que permitem reconhecer a vivência e atribuir-lhe um lugar digno na psicologia.

O princípio de desencontro. A compreensão de Bartin é analisada como transformação do estranho em “seu – estranho”. Como resultado, realiza-se o princípio de desencontro e surge certo *cronotopo*, que está na dinâmica e reflete as relações recíprocas complexas dos sujeitos no processo de investigação. Apenas ao criar o campo de compreensão é possível contar com o início do conhecimento em situações complexas da trajetória de vida.

Da criação do campo de conhecimento ao conhecimento como transformação do estranho em “seu – estranho”. Essa mesma ideia está contida na lei de desenvolvimento histórico-cultural que pressupõe a criação da cena da vida, onde os atores, a criança e o adulto, existem no campo da compreensão e da vivência e, conseqüentemente, do conhecimento. A mesma ideia está na concepção de objetos inteligíveis de I. Kant, que, ao existirem antes do conhecimento, criam condições para o conhecimento.

Princípio de conservação do subjetivo. Na psicologia, é importante, antes de mais nada, um estranhamento em relação ao que é estranho para que não se transforme num puramente seu, para que não se objetive no resultado de métodos científicos de investigação. O resultado da busca científica deve ser não o domínio dos segredos do subjetivo nos termos dos conceitos científicos (“mortificação do vivo”), mas a conservação do que é individual, subjetivo.

À teoria histórico-cultural de desenvolvimento deve corresponder o método de estudo da personalidade que se desenvolve segundo as regras dessa teoria. O princípio de conservação do subjetivo na gnosiologia é a consequência desse mesmo princípio na ontologia de constituição da personalidade. No processo de interiorização da assimilação, a superação do estranho não o transforma em um puramente seu.

Princípio de inacabamento. O resultado do conhecimento como compreensão é a ausência de resultados no sentido tradicional. Por trás de um texto recebido, há sempre um contexto de compreensão, um contexto distante que passa por operacionalização no sistema de metáforas das quais se vale o pesquisador. O diálogo não termina depois que uma das partes se retira fisicamente. Ele se transforma em infinito e inacabado.

A vivência como mecanismo do conhecimento não termina com a interrupção da relação recíproca direta dos sujeitos do conhecimento, ela se desloca para a frente do palco da trajetória de vida.

O princípio da busca do sentido. A atitude e o comportamento humanos são um texto potencial que pode ser compreendido como uma atitude humana, mas não como uma ação física ou como uma reação a um estímulo e, apenas no contexto dialógico, como uma posição semântica, como um sistema de motivos.

“O ser humano nas buscas do sentido” – é uma ideia de V. Frankl que harmonicamente combina com a ideia de L. S. Vigotski. Para o nosso contemporâneo, a vivência do ser humano está ocupada com a busca dos sentidos dos resultados de sua atividade vital por meio de mecanismos de interiorização e exteriorização.

Então, os princípios foram dados, porém não foram lidos e, consequentemente, não foram realizados pela psicologia contemporânea a Bartin. A concepção de Bartin poderia ajudar a lei de desenvolvimento histórico-cultural, mas isso não aconteceu. Os dois cientistas foram excluídos da cultura por muitos anos.

Apresentaremos, a seguir, as conclusões sobre as ideias a respeito da constituição e desenvolvimento do conceito “vivência” nos trabalhos de L. S. Vigotski.

Nos textos de L. S. Vigotski foi apresentada a concepção da teoria da vivência, que consiste em três componentes: vivência como unidade básica do saber conjunto (componente estrutural); vivência como mecanismo de resolução do conflito entre os participantes da cena da vida (componente dinâmico); vivência como meio de superação do sofrimento e da solidão por meio de realização do essencial na pessoa no processo de conhecimento do trágico (componente existencial).

Referências bibliográficas

1. Bartin, M. M. Estética da criação verbal. / M. M. Barrtin – 2ª izd. – M.: Iskusstvo, 1986. – 445s. (em russo).
2. Veressov, N. A psicologia histórico-cultural de L. S. Vigotski: o difícil trabalho de compreensão (Anotações de um leitor) / N. Veressov – M.: “NLO”, 2007, Nº 85 (em russo).
3. Vigotski, L. S. Linhas de luto 9 ava. / L. S. Vigotski. – Novi put, 1916, Nº 27, - s. 28-30 (em russo).
4. Vigotski, L. S. Obras reunidas em 6 tomos. T. 4 / L. S. Vigotski – Psicologia infantil / Pod red. D. B. Elkonina – M.: Pedagoguika, 1984. – 342s. (em russo).
5. Pergamenschik, L. A. Visões do jovem Vigotski: a existência expressiva e loquaz // L. A. Pergamenschik – Psirrologuia. 2007 – Nº 2 – C. 3 -10 (em russo).
6. Dicionário de antropologia teatral, M., 1922.
7. Sobkin, V. S. Comentários às resenhas teatrais de L. S. Vigotski; Vigotski, L. S. Resenhas teatrais – M.: Institut sotsiologii obrazovania RAO, 2015. – 568s. (em russo).